

7

JOSÉ DUARTE VANNUCCHI (*)

**UMA
DEFINIÇÃO
PARA
CRÔNICA**

ABSTRACT - A Definition for Chronicles

In this article, after dealing with the insatisfactory treatment that has been given to Chronicles in the Brazilian literary studies, the author, starting from the fundamental division of the genres (prose and poetry), comes to a new concept of Chronicles, placing them at the same level of importance as other manifestations of literary creation.

RESUMO -

Neste artigo, depois de referir-se ao tratamento insatisfatório que tem sido dispensado à crônica, nos estudos literários brasileiros, o autor, partindo da divisão básica dos gêneros (prosa e poesia), chega a um novo conceito de crônica, colocando-a no mesmo nível de importância de outras manifestações da criação literária.

O lugar da crônica no território da literatura é ainda assunto controverso, não só porque a respeito desse tipo de composição divergem as opiniões, senão também por

* Mestre em Linguística. Licenciado em Letras pela FFCL de Sorocaba. Titular das disciplinas de Literatura Brasileira e Prática de Ensino de Português e de Literaturas de Língua Portuguesa da FFCL de Sorocaba.

que problemático é o próprio conceito de gênero literário.(1)

A complexidade da matéria tem levado muitos investigadores a resultados diferentes e não faltam aqueles que, simplesmente, ignoram a existência da crônica, quando fazem história ou teoria da literatura, ou a colocam em plano apagado, porque não vêem nela mais que uma forma inferior de composição. Isto ocorre inclusive em trabalhos de críticos e historiadores de gabarito, como é o caso de Soares Amora que, tratando longamente do problema dos gêneros literários, inclui entre eles a farsa, o mistério, o milagre, a fábula, o apólogo, o auto, o monólogo e até a anedota, mas não fala de crônica.(2) E Tristão de Ataíde faz o mesmo - desconhece a crônica - muito embora considere o jornalismo, a biografia, a crítica, a oratória, a epistolografia e até a conversação como gêneros literários.(3)

A quem, entretanto, queira ver as coisas com objetividade não pode passar despercebida a importância crescente da crônica e, no caso da Literatura Brasileira, sua presença desde o primeiro momento, se lembrarmos que essa literatura só pode ser chamada de realmente brasileira, a partir do Romantismo. E a crônica, entre nós, começa com o Romantismo.(4) Ela tem, portanto, tradição, tanto quanto a prosa de ficção. Desde o Romantismo sempre tivemos crônica, qual quer que tenha sido o esquema estético vigente (5): Alencar, Machado, Bilac, Aluísio de Azevedo, Lima Barreto, Coelho Neto, Humberto de Campos, para citar apenas alguns excelentes cronistas das escolas anteriores ao Modernismo, pois, a partir de 1922, a crônica parece ter alcançado maior

prestígio e passou a interessar a um número maior de escritores. Lembre-se, por exemplo, de Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, grandes poetas, grandes cronistas. Quando se fizer a história da crônica na Literatura Brasileira, Drummond e Bandeira ocuparão lugar de realce, o mesmo que lhes cabe no campo da poesia. São de notar ainda casos em que o escritor se projeta através da crônica, sem ser eclipsado pela sua obra poética ou de prosa de ficção; é o caso sabido de Humberto de Campos, ontem, e de Luís Martins, hoje. Extraordinário, por outro lado, o que acontece, por exemplo, com Rubem Braga que outra coisa não fez e não faz senão crônica; já se disse, com razão, que é um "clássico da crônica", com o que conseguiu colocar-se ao lado dos poetas e ficcionistas mais representativos da hora atual.

Vale observar também que, hoje, tem havido até viabilidade editorial para obras exclusivamente de crônicas. As editoras lançam no mercado livros de crônicas com a mesma segurança com que o abastecem de poesia e ficção. E isso ocorre porque o consumo é garantido. O público recebe com agrado o produto. É a vitória definitiva da crônica, que dois críticos muito autorizados consideram "como o mais popular dos gêneros", atualmente, no Brasil. (6)

Acrescente-se ainda, em favor da crônica, a importância que ela tem do ponto de vista lingüístico, porque, sendo literatura de asfalto, reflete, muitas vezes, o estágio em que se encontra o idioma, numa determinada área urbana. É subsídio útil para os estudos sobre o Português do Brasil.

Não há, pois, como subestimar ou igno-

rar a crônica. Pelo contrário, é estudá-la e dar-lhe um lugar definitivo dentro dos quadros da literatura.

O primeiro passo para se chegar a um conceito desse "território flutuante que se chama crônica" (7) é limpar o terreno e recordar que crônica não é ensaio (os ingleses chamam de ensaio o que nós chamamos de crônica), pois neste a linguagem é fortemente racional, conceptual, univalente, enquanto naquela, para não se transformar em inconsequente comentário jornalístico, mas transcendê-lo, deve carregar uma cosmovisão expressa por signos polivalentes. Também não é conto, embora a crônica, modernamente, invada por vezes os limites daquele, colocando personagens em ação. (8)

Apertemos o cerco e recordemos que todo o problema da generologia pode reduzir-se a isto: há apenas dois gêneros literários: prosa e poesia. A distinção entre ambas só pode ser válida ao nível do conteúdo: a prosa há de ser a expressão do não-eu, do mundo exterior, do mundo objetivo; a poesia há de ser a expressão do eu, do mundo interior, do mundo subjetivo. Consequência no campo tipográfico: quando houver prosa, esta se exteriorizará através da linha (tipograficamente) contínua; quando houver poesia, através da linha (tipograficamente) descontínua. (9)

Parece que a questão, portanto, é saber se a crônica é prosa ou poesia.

Quanto à representação ou disposição tipográfica a tradição e a evidência mostram que a crônica se exterioriza pela linha contínua; quanto ao conteúdo - e é o é, que interessa - a crônica é ao mesmo tem-

po, prosa e poesia. (Não vai nisto qualquer novidade: é sabido que prosa e poesia podem coexistir e que o romance brasileiro moderno, por exemplo, muitas vezes está saturado de áreas ou zonas líricas.(10) Participa, pois, do gênero ficcional e do gênero poético. Tem muito de ficção, porque procura recriar um ou mais aspectos da realidade. (Já vimos que chega a invadir a serra do conto). Mas participa também do gênero poético pela carga de subjetivismo que porta; daí a frequência da crônica-poema ou dizer-se que certas crônicas são pequenos poemas em prosa. Tal ocorre principalmente nas mãos de alguns cronistas de aguda sensibilidade poética, como Drummond, Bandeira e Rubem Braga.

Mas tudo isso terá validade, se a crônica atender a alguns requisitos básicos. Do contrário, não terá condições de permanência na literatura.

Embora, de certa forma, comprometida com o dia-a-dia, embora retrato ou retalho de fatos contemporâneos do escritor (11) e quase sempre divulgada através do jornal, veículo de comunicação de rápido envelhecimento, nem sempre a crônica perde todo o interesse com o correr do tempo, de tal modo que sobre apenas o resíduo histórico, informativo, de seu conteúdo. E isto não acontece quando o escritor sabe ir além dos acontecimentos que o circundam e motivam, conseguindo tirar ilações de grande conteúdo humano; quando ele, baseado no prosaico cotidiano, logra apreender (pelo poder da intuição) e transmitir (por um processo estilístico adequado) uma verdade humana. Neste caso o cronista é um artista e está no mesmo plano do poeta e do ficcionista. Ele

está fazendo literatura real, não literatu-
ra aparente. Literatura aparente e não real
faz o cronista que não consegue libertar -
-se do circunstancial que gera a crônica,
porque, então, ele descreve ou narra, mas
não recria. Se não recria, não cria; não
faz obra literária. Produz, sim, ainda que
bom o processo estilístico, mero registro
para a História; deixa impresso o seu tes-
temunho sobre o seu momento histórico; tem
valor exclusivamente informativo. E aqui es-
tá, sem dúvida, o grande risco para o cro-
nista: apegar-se demais a aspectos de mo-
mento, esquecendo-se de que, ainda que cir-
cunstancial na sua gênese, a crônica deve
conter elementos que a desenraizem do fa-
to, para que possa ter perenidade e não e-
femeridade. É isso e apenas isso que justi-
fica, por exemplo, que se leia, ainda, uma
crônica de Machado de Assis, "o mais per-
feito dos nossos cronistas até hoje". (12)
Qualquer busca de conteúdo informativo nes-
sa crônica será objetivo secundário e ex-
traliterário; ela valerá pelos elementos -
que traduzam a mundividência de um homem,
diante de um acontecimento de sua época,
- num determinado lugar; em outras palavras:
valerá por tudo aquilo que transcenda o a-
contecimento, o lugar e o próprio homem Ma-
chado de Assis.

O grande imperativo da crônica, portan-
to, está no fato de dever o autor agir de
tal modo que ponha o seu texto a salvo da
corrosividade do tempo, livrando-se do que
é o seu maior inimigo: registrar simples-
mente em lugar de criar pela recriação.

Não há, pois, como negar maioridade li-
terária à crônica, que não é um gênero nem
subgênero nem gênero menor, mas uma forma

(leia-se: fôrma) de pequena extensão material, simultaneamente poética e ficcional, tão legítima quanto as outras e mais interessante que muitas.

λ NOTAS:

(1) A complexidade que envolve o estudo dos gêneros literários é a responsável por imensa bibliografia sobre a matéria e pelo fato de ter sido assunto em dois congressos literários internacionais: em Oslo (Noruega, agosto de 1928) e em Lyon (França, maio-junho de 1939).

(2) "Teoria da Literatura", págs. 144-174, Editora Clássico-Científica, São Paulo, s/d.

(3) "O Jornalismo Como Gênero Literário", pág. 25 et passim, AGIR, Rio, 1960.

(4) Durante o Romantismo, a crônica foi principalmente um comentário leve sobre o que acontecia na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e se destinava, como o romance, sobretudo ao público feminino.

(5) A crônica brasileira que, desde o Romantismo, tem sido preferentemente urbana, está debruçada sobre a cidade, particularmente a cidade grande, a metrópole, cuja vida procura captar e fixar, depois de despojá-la de aderências meramente circunstanciais.

(6) É a opinião de Antônio Cândido e José Aderaldo Castelo, in "Presença da Literatura Brasileira", vol. III, pág. 30, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1968, ed. revista.

(7) Eduardo Portella, in "Dimensões-I", pág. 111, Livraria José Olympio, Rio, 1958.

(8) Entre tantos exemplos de crônica-conto, basta lembrar a muito conhecida de Fernando Sabino, "O Homem Nu", que pôde transformar-se em filme. Há também o caso da crônica "Casa de Cômodos", de Aluísio de Azevedo, que é a matriz de "Casa de Pensão" e, posteriormente, dessa obra-prima que é "O Cortiço".

(9) Na poesia moderna até a distinção de natureza meramente tipográfica está ficando difícil, em virtude do largo emprego do verso-livre.

(10) "...a poesia e a prosa não raro andam juntas na mesma obra. É que, além de não serem posições estanques, pois nem sempre sabemos onde para o "eu" a fim de começar o "não-eu", e vice-versa, ambas se nutrem do mesmo lastro subjetivista e deformador da realidade". (Massaud Moisés, in "A Criação Literária", pág. 42, Melhoramentos São Paulo, 2a. ed. revista, 1968.

(11) O cronista está sempre voltado para o seu tempo, para o momento histórico que ele vive e em que vive e produz, do qual recebe influência e sobre o qual atua.

(12) Tristão de Ataíde: "Machado Cronista", in "Suplemento Literário" do jornal "Diário de Notícias", Rio, 21.10.1960.